

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO FRENTE AO DIAGNÓSTICO DE DISLEXIA EM ADOLESCENTES DIAGNOSTICADOS NESTA FASE

Livânia Beltrão Tavares

Universidade Estadual da Paraíba – li.vania@hotmail.com

Resumo

Em uma sociedade na qual ler e escrever são atividades consideradas importantes para que a pessoa se adapte de forma satisfatória ao ambiente na qual está inserida, empecilhos neste processo podem ser motivos de angústia e ansiedade e trazer graves consequências à vida do indivíduo. A aprendizagem da leitura envolve aspectos complexos e pode não transcorrer de forma satisfatória. Desta forma, o diagnóstico de dislexia, dificuldade específica de leitura, pode ser confirmado apenas no início da adolescência, uma fase em que a criança passa por mudanças estruturais do ponto de vista cognitivo, pois seu pensamento, antes bastante concreto, agora passa a funcionar a partir de uma lógica mais abstrata, o que a leva a ser capaz de fazer reflexões e inferências que anteriormente não conseguia. Este artigo é parte de uma pesquisa em curso, de abordagem cognitiva, cujo objetivo geral é analisar as estratégias de enfrentamento relacionadas ao diagnóstico de dislexia em adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 11 e 18 anos, diagnosticados um ano antes. Como objetivos específicos temos mensurar as estratégias de enfrentamento de apoio social, ações diretas, negação e autocontrole frente ao diagnóstico de dislexia em adolescentes de 11 a 18 anos, de ambos os sexos, diagnosticados na adolescência, comparar as estratégias de enfrentamento frente ao diagnóstico de dislexia em adolescentes no início da adolescência – 11 a 14 anos e no final da mesma, de 15 a 18 anos e comparar as estratégias de enfrentamento frente ao diagnóstico de dislexia em adolescentes diagnosticados no período de dezoito meses e aqueles diagnosticados a mais de dois anos. A amostra está composta por 60 adolescentes. Como instrumento para avaliação das estratégias se propõe o IMCA-43 (Inventário Multifatorial de Coping para Adolescentes). No presente artigo, apresentaremos o marco conceitual sobre o tema e a análise dos resultados de uma amostra piloto de 10 adolescentes, que permite refletir sobre dados suplementares aos conhecimentos ancorados por outros autores, em relação à modificação das estratégias de enfrentamento dos adolescentes, à medida que adquirem uma compreensão da dislexia.

Palavras-chaves: Estratégias de enfrentamento; Adolescência; Dislexia.

Introdução

Estratégias de enfrentamento podem ser definidas como esforços que o indivíduo realiza para lidar com situações que ele pondera como onerosas. Sendo assim, dependem da avaliação que faz da mesma e do repertório que ele possui.

Em uma sociedade na qual ler e escrever são atividades consideradas importantes para que a pessoa se adapte de forma satisfatória ao ambiente na qual está inserida, empecilhos neste processo podem ser motivos de angústia e ansiedade e trazer graves consequências à vida do indivíduo.

A aprendizagem da leitura envolve aspectos complexos e pode não transcorrer de forma satisfatória.

Desta forma, o diagnóstico de dislexia, dificuldade específica de leitura, pode ser confirmado apenas no início da adolescência, uma fase em que a criança passa por mudanças estruturais do ponto de vista cognitivo, pois seu pensamento, antes bastante concreto, agora passa a funcionar a partir de uma lógica mais abstrata, o que a leva a ser capaz de fazer reflexões e inferências que anteriormente não conseguia. A fase inicial da adolescência, dos onze aos treze anos, quando o pensamento ainda é muito próximo ao pensamento infantil, é sobrepujada por outra, de quatorze aos dezoito anos, na qual a forma do adolescente solucionar problemas se assemelha à lógica do adulto.

Diante disto, questionamos quais estratégias de enfrentamento frente ao diagnóstico de dislexia podem ser encontradas em adolescentes de ambos os sexos, diagnosticados neste período?

Lazarus e Folkman (1984) delimitam enfrentamento como diligências cognitivas e comportamentais em constante modificação, para gerir - compreendido como minimizar, tolerar, aceitar, tentar controlar as situações- necessidades internas e/ou externas específicas que o organismo avalia como sobrecarga.

Compas (1987) considera necessário adaptar as noções de Lazarus e Folkman às crianças e adolescentes, levando-se em consideração o desenvolvimento cognitivo e social que pode variar no período que vai dos 13 aos 18 anos e vai interferir na percepção do adolescente, influenciando na utilização de determinadas estratégias de enfrentamento, tendo em vista que este desenvolvimento é determinante para a avaliação da situação como um todo,

relacionando-a a eventos anteriores, definindo parâmetros, como intensidade e duração do evento e também a probabilidade do mesmo se repetir.

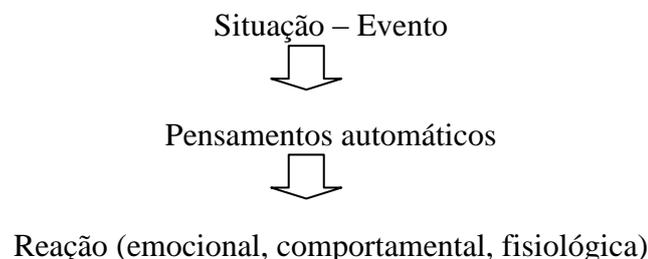
Teoria Cognitivo Comportamental

A Teoria Cognitivo Comportamental teve seu início a partir dos estudos de Beck sobre depressão, quando, discordando dos conceitos freudianos, desenvolveu formas de testar estratégias de modificação das tendências negativas presentes neste transtorno, podendo estender estas ideias a outros quadros psicopatológicos. Estas ideias se fundamentam no postulado de que é o indivíduo que dá significado às situações, ou seja, o indivíduo percebe e reage à realidade, sendo assim possível modificar a forma como a apreende e, conseqüentemente, suas respostas a ela (KNAPP e BECK, 2008).

Consideramos importante para nosso trabalho os conceitos de Beck e Alford (2000) de cognição, definido como uma função referente ao que deduzimos sobre nossas experiências e sobre a possibilidade de ter o controle de eventos futuros. Desta forma, a adaptação do indivíduo vai estar diretamente relacionada à atribuição do significado a determinadas situações.

Beck (1963; 1964) refere que estruturas cognitivas fazem parte de uma organização cognitiva maior, sendo composições permanentes, diferente dos processos cognitivos, que são transitórios. As respostas dos indivíduos ao ambiente são o resultado da forma como este organiza suas estruturas cognitivas (BAHLS e NAVOLAR, 2004).

Ainda segundo estes autores, a Teoria Cognitivo Comportamental tem como principal objeto de estudo a forma como a informação é processada, ou seja, o ato de dar significado a algo.



(BECK, 2013, p. 50)

Consideramos interessante este conceito, tendo em vista que está relacionado às ideias de Lazarus e Folkman (1984) sobre estratégias de enfrentamento, de que não é a situação em si mesma, mas a forma como o indivíduo a interpreta que vai influir na maneira como reagirá à mesma.

Estratégias de Enfrentamento

De acordo com Lazarus e Folkman (1984), uma situação indutora de stress é aquela na qual a relação estabelecida entre o indivíduo e o meio é avaliada por este como excedendo seus recursos disponíveis para lidar com a mesma. De acordo com estes autores, podemos avaliar a situação em dois momentos diferentes. Num primeiro, avaliamos o significado de determinado acontecimento para nossa realidade pessoal, classificando-o como irrelevante, positivo ou ameaçador. Em um segundo momento, sendo a situação avaliada como ameaçadora, passamos a analisar quais recursos dispomos para enfrentá-la. Tais avaliações produzirão respostas fisiológicas, emocionais e comportamentais.

Lazarus e Folkman (op.cit) delimitam enfrentamento como diligências cognitivas e comportamentais em constante modificação, para gerir - compreendido como minimizar, tolerar, aceitar, tentar controlar as situações- necessidades internas e/ou externas específicas que o organismo avalia como sobrecarga.

De acordo com Antoniazzi (1999), as pesquisas atuais sobre *coping* buscam analisar a capacidade de enfrentamento enquanto preditor da adaptabilidade social, sendo categorizado na vertente aproximação-evitação. No caso da aproximação, inclui manifestações cognitivas e de comportamento, que objetivam enfrentar o problema; enquanto a evitação tende a relacionar-se a um ajustamento psicológico pobre.

A seguir discutiremos o conceito de adolescência acolhido em nossa pesquisa.

Adolescência

O desenvolvimento da adolescência é um processo resultante da interação entre fatores biológicos, psicológicos e culturais, que envolvem a obtenção e o aprimoramento de várias funções cognitivas, tais como memória, percepção, resolução de problemas e metacognição; como também funções sociais, como as habilidades sociais, o contato com os pares, entre outros (CAMINHA e CAMINHA, 2007).

Piaget e Inhelder (1985) definem a adolescência como o acesso ao pensamento formal, que se caracteriza pelo domínio de ideias, princípios e proposições abstratas, para substituí-los por atos concretos e observáveis. O adolescente, nesta fase, adquire estratégias de análise e reflexão mais constantes. É uma etapa evolutiva na qual o jovem deve passar por mudanças e situações próprias desta fase, sendo compreendida como um momento complexo do ciclo vital, no qual são inúmeros os obstáculos e desafios a serem enfrentados (GONZÁLES, 2006).

Nesta etapa da vida, o jovem torna-se capaz de fazer relações entre as circunstâncias que se apresentam, além daquela situação real, sendo, portanto, uma evolução em relação ao pensamento concreto da fase anterior, na qual, segundo Piaget, o real depende da lógica. Isso lhe permite prever consequências de determinadas ações (STROILI, 2001).

Estratégias de enfrentamento e Adolescência

É importante compreender que não é a situação isolada que provoca a reação emocional, mas que esta é desencadeada pela interpretação que o indivíduo faz da mesma (MARTÍN DÍAZ, JIMÉNEZ SÁNCHEZ e FERNÁNDEZABASCAL, 2004 apud GONZÁLES, 2006). Outro ponto importante é que nem sempre as estratégias de enfrentamento são bem sucedidas, mas elas sempre incluem tentativas intencionais de gerir o estresse, independentemente de serem exitosas (COMPAS, 1987).

Segundo Antoniazzi (1999), o modelo teórico para compreender as estratégias de enfrentamento proposto por Lazarus e Folkman (1984) abrange a ideia de que o *coping* é uma ação que ocorre na interação entre o indivíduo e o meio; que a função do *coping* não é controlar a situação, mas administrá-la. Sendo assim, a forma como a pessoa interpreta a situação, vai interferir na avaliação que ele fará da mesma e, conseqüentemente, nas

estratégias utilizadas para fazer frente a ela. Para tanto, será necessário também uma maturidade cognitiva. Portanto, trata-se de um esforço cognitivo e comportamental para administrar demandas ambientais percebidas como estressantes.

Também julgamos importante descrever o conceito de dislexia, tendo em vista ser este o diagnóstico referido pelos adolescentes frente ao qual desenvolverão estratégias de enfrentamento.

Dislexia

Debrey- Ritzen e Mélékian (1970) definem dislexia como uma dificuldade específica e durável da aprendizagem da leitura e da escrita, em que não houve a aquisição do seu automatismo e que é experimentada por crianças normalmente inteligentes, normalmente escolarizadas e indenes de perturbações sensoriais.

Shaywitz (2006, p. 44) afirma que “o modelo fonológico apresenta uma explicação convincente sobre a razão de pessoas muito inteligentes terem problemas de leitura”, ou seja, a dislexia traria em seu cerne uma disfunção do sistema da linguagem, “especificamente no nível do módulo fonológico”. Cardoso-Martins (2008, p. 159) também concorda e acrescenta “existe um forte consenso de que dificuldades fonológicas representam o cerne da dislexia do desenvolvimento”. As duas autoras citadas explicam que as crianças percebem que as palavras são formadas por vários sons agrupados, depois que estes sons agrupados formam pequenos segmentos, as sílabas, em seguida que as sílabas são formadas por unidades menores, os fonemas. E que existem símbolos que representam estes sons, as letras impressas. Quando a criança se dá conta de que existe um código sonoro que é representado simbolicamente, ela percebe que pode reagrupar estes sons e símbolos de formas diferentes, para representar palavras variadas. Terá, então, dominado o processo de leitura. As palavras precisam ser percebidas como formadas por unidades menores, os fonemas, antes de serem identificadas e memorizadas. E é neste ponto que reside a dificuldade da criança disléxica. “Nas crianças disléxicas, uma falha do sistema de linguagem – no nível do módulo fonológico – prejudica a consciência fonêmica e, assim, a capacidade de segmentar a palavra verbalizada em seus sons subjacentes” (SHAYWITZ, 2006, p.51).

Método

Nosso estudo é descritivo, de abordagem quantitativa e correlacional. Nossas unidades de análises são grupos de adolescentes de 11 a 14 anos e de 15 a 18 anos, de ambos os sexos, diagnosticados como disléxicos na adolescência, tendo como variáveis apoio social, ações diretas-reavaliação, negação-distração-inibição da ação, autocontrole-ações agressivas.

Nosso objetivo geral é analisar as estratégias de enfrentamento relacionadas ao diagnóstico de dislexia em adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 11 e 18 anos, diagnosticados neste período. Como objetivos específicos temos mensurar as estratégias de enfrentamento de apoio social, ações diretas, negação e autocontrole frente ao diagnóstico de dislexia em adolescentes de 11 a 18 anos, de ambos os sexos, diagnosticados na adolescência, comparar as estratégias de enfrentamento frente ao diagnóstico de dislexia em adolescentes no início da adolescência – 11 a 14 anos e no final da mesma, de 15 a 18 anos e comparar as estratégias de enfrentamento frente ao diagnóstico de dislexia em adolescentes diagnosticados no período de dezoito meses e aqueles diagnosticados a mais de dois anos.

A amostra será composta por 60 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 11 e 18 anos, diagnosticados com Dislexia após os 11 anos por profissionais habilitados.

Como instrumento para coleta de dados utilizaremos o IMCA-43 (Inventário Multifatorial de Coping para Adolescentes) é composto por 43 itens que descrevem estratégias para lidar com situações de estresse no dia a dia. Estes itens avaliam 4 dimensões referentes a traços latentes deste comportamento: Ações Diretas- Reavaliação (14 itens); Apoio Social (8 itens); Negação- Distração-Inibição da ação (11 itens) e Autocontrole-ações agressivas (10 itens). A aplicação pode ser feita de forma individual ou coletiva e os adolescentes são convidados a lembrar de uma situação difícil pela qual tenham passado recentemente e responder, em uma escala de tipo Likert em 5 pontos (variando de “Nunca faço isso” (1) até “Sempre faço isso” (5)) a frequência com a qual utilizam as estratégias descritas nos itens.

Discussão dos resultados

Em uma amostra piloto preliminar, com um número ainda reduzido de adolescentes diagnosticados com dislexia há mais de um ano, observamos que se mantem uma alta

porcentagem de utilização de estratégias de negação-distração, inibição da ação, assim como baixa porcentagem de busca de apoio social. Em compensação foi alto o índice de estratégias de ações diretas e reavaliação da situação de dislexia.

Consideramos importante assinalar o baixo índice de estratégias de apoio social utilizadas pelos adolescentes deste estudo inicial, que, no caso desta amostra, estão aludindo à busca de suporte na família e não ao grupo de amigos. Concluimos que embora nem sempre os resultados sejam bem-sucedidos, as pesquisas procuram relacionar os esforços realizados através da utilização de estratégias de enfrentamento e se espera que os resultados mostrem comportamentos adaptativos dos indivíduos a medida que adquirem maior cognição sobre a situação estressante (ZEIDNER e SAKLOFSKE, 1996, apud ANTONIAZZI, SOUZA e HUTZ, 2009).

Assim, Holahan, Moos e Shaefer (1996, apud ANTONIAZZI, SOUZA e HUTZ, 2009) aludem que as estratégias de enfrentamento devem ser analisadas como ações cognitivas e comportamentais e podem ser consideradas sob dois polos opostos: as de aproximação e evitação. No primeiro grupo estariam aquelas de busca de apoio e ações diretas, enquanto no segundo ficariam as de negação e distração, sendo as primeiras consideradas mais adaptativas e funcionais. Dias, Cruz e Fonseca (COSTA e MOTA, 2012) também refletem que o coping ativo é descrito desta forma por representar uma busca ativa por informações, bem como uma “mobilização de recursos sociais” para buscar resolver a situação.

Câmara e Carlotto (2007) chamam a atenção para um dado extremamente relevante em relação a este fato, que são as questões educacionais quando se analisam as diferenças relativas ao gênero. Sobretudo se levarmos em conta que educamos meninos e meninas de forma diferenciada, levando-os a lidarem com as situações estressantes também de forma bastante diversa. E esta diferença refletirá em comportamentos de risco e em um conjunto de estratégias pouco adaptativas em relação às situações de estresse. Os autores apontam que, no caso dos meninos, a evitação pode levar a uma sobrecarga emocional e as atitudes para aliviar a tensão gerada a partir desta sobrecarga podem incluir comportamentos de risco.

Frydenberg (1991) aponta diferenças na maneira como meninos e meninas utilizam estratégias de coping, onde meninas buscam apoio na religião como uma forma de conforto, enquanto os meninos utilizam a evitação cognitiva, tentando ignorar o problema como uma forma de não enfrentar o estresse gerado por este.

Por outro lado, Frydenberg (op.cit) lembra que as mulheres estão inseridas em um contexto sociocultural no qual são ensinadas a extravasar as emoções de forma mais natural e também a aceitar mais passivamente as situações que a vida lhes apresenta.

Costa e Mota (2012) assinalam a importância da qualidade das relações que os adolescentes estabelecem com as figuras significativas, para que estes possam construir modelos internos dinâmicos, que permitirão o estabelecimento de estratégias de enfrentamento consideradas mais adaptativas diante de situações estressantes.

É importante compreender que não é a situação isolada que provoca a reação emocional, mas que esta é desencadeada pela interpretação que o indivíduo faz da mesma (MARTÍN DÍAZ, JIMÉNEZ SÁNCHEZ e FERNÁNDEZABASCAL, 2004 apud GONZÁLES, 2006). Outro ponto importante é que nem sempre as estratégias de enfrentamento são bem sucedidas, mas elas sempre incluem tentativas intencionais de gerir o estresse, independentemente de serem exitosas (COMPAS, 1987).

Considerações Finais

A nossa pesquisa permite refletir sobre dados suplementares aos conhecimentos ancorados por outros autores, em relação a modificação das estratégias de enfrentamento dos adolescentes. Destaca-se a utilidade da abordagem cognitiva como aporte teórico para avaliar a evolução das estratégias de enfrentamento adotadas pelos adolescente, à medida que adquirem uma compreensão da dislexia.–Se sabe que os adolescentes na faixa etária estudada voltam a atenção ao mundo social circundante e tentam adquirir habilidades sociais para lidar de modo adequado com esse mundo (PIAGET, 1985) e em decorrência no caso dos adolescentes com dislexia será de importância para eles adquirirem estratégias funcionais.

A teoria cognitiva, ao se centrar no estudo de estratégia de enfrentamento, permitiu advertir, em nosso estudo piloto, que nem sempre as estratégias de enfrentamento evoluem ao mesmo tempo e que algumas se adquirem com maior facilidade e mais rapidamente que outras. Neste sentido, se pode dizer que a abordagem cognitiva permite fazer um prognóstico daquelas estratégias que se adquiriram mais rapidamente e daquelas que serão mais refratárias ao câmbio. Este conhecimento pode beneficiar famílias e educadores de adolescentes com dislexia no sentido de que poderão providenciar o suporte adequado.

Referências

- Alesi, M., Rappo, G., Peppi, A. Self-esteem at school and self-handicapping in childhood: comparison of groups with learning disabilities. **Psychol Rep.**, Dec, 111(3), 952-62, 2012.
- Antoniazzi, Adriane Scomazzon. **Desenvolvimento de Instrumentos para avaliação de Coping em Adolescentes Brasileiros.** (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1999.
- Antoniazzi, A. S.; Souza, L. K. e Hutz, C. S. Coping em situações específicas, bem estar subjetivo e autoestima em adolescentes. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 2 (1), 34-42, 2009.
- Câmara, S. G. e Carlotto, M. S. Coping e Gênero em Adolescentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, nº 1, 87-93.
- Capitão, Cláudio Garcia e Zampronha, Maria Amélia G. Câncer na Adolescência: Um estudo com instrumento projetivo. **Rev. SBPH**, v.7 n.1, Rio de Janeiro, 2004.
- Clark C, Haines M.M., Head J., Klineberg E., Arephin M., Viner R., Taylor S.J., Booy R., Bhui K., Stansfeld S.A. (2007). Psychological symptoms and physical health and health behaviours in adolescents: a prospective 2-year study in East London. **Journal compilation, Society for the Study of Addiction. Volume 102, Issue 1**, pages 126–135, 2006.
- Compas, B.E. Coping with stress during childhood and adolescence. **Psychological Bulletin**, 10(3), 393-403, 1987.
- Costa, Mônica e Mota, Catarina Pinheiro. Configuração familiar, Gênero e coping em adolescentes: o papel dos pais. **Psicologia em Estudo: Maringá**, 17 (4), 567-574, 2012.
- Firth, Nola; Frydenberg, Erica; Greaves, Daryl. Adaptive Control of Perception and coping: Programs for Adolescent Students Who Have Learning Difficulties. **Journal of Learning Disabilities**, 43(1), 77– 85, 2010.
- Frydenberg, E. Adolescent coping: The diferente ways in which boys and girls cope. **Journal of Adolescence**, 14 (2), 119-134, 1991.
- González, E. Norma Contini. **Pensar la Adolescencia Hoy.** Buenos Aires: Paidós, 2006.
- Karande, S.; Kumbhare, N.; Kulkarni, M.; Shah, N. Anxiety levels in mothers of children with specific learning disability, **J. Postgrad Med.**, 55(3), 165-170, 2009.

Khatib Y., Bhui K., Stansfeld S.A. Does social support protect against depression & psychological distress? Findings from the RELACHS study of East London adolescents. **J Adolesc.** ; 36 (2):393-402, 2013.

Kristensen, Christian Haag; SchaeferLuizianaSouto e Busnello, Fernanda de Bastani. Estratégias de coping e sintomas de stress na adolescência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 27(1), 21-30, 2010.

Lazarus, R. S., & Folkman, S. **Stress, appraisal, and coping**. New York: Springer, 1984.

Piaget J. e Inhelder B. El pensamentodeladolescente. En: **De la lógica del niño a la lógica del adolescente**. Barcelona: Paidós, 1985.

Rabuske, Michelli Moroni. **Comunicação de diagnósticos de soropositividade para o HIV e de aids para adolescentes e adulto: implicações psicológicas e repercussões nas relações familiares e sociais**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Florianópolis, SC, 249 f., 2009.

Santos, Camila Perini dos, Rodrigues, Benedita Maria Rêgo Deusdará e Almeida, Inez Silva de. Vivência das adolescentes e jovens com HIV: um estudo fenomenológico. **Adolescência & Saúde**, volume 7, nº 1, 2010.

Terras, M. M., Thompson, L. C., Minnin, H. Dyslexia and psycho-social functioning: an exploratory study of the role of self-esteem and understanding. **Dyslexia**. Nov, 15(4), 304-27, 2009.